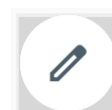
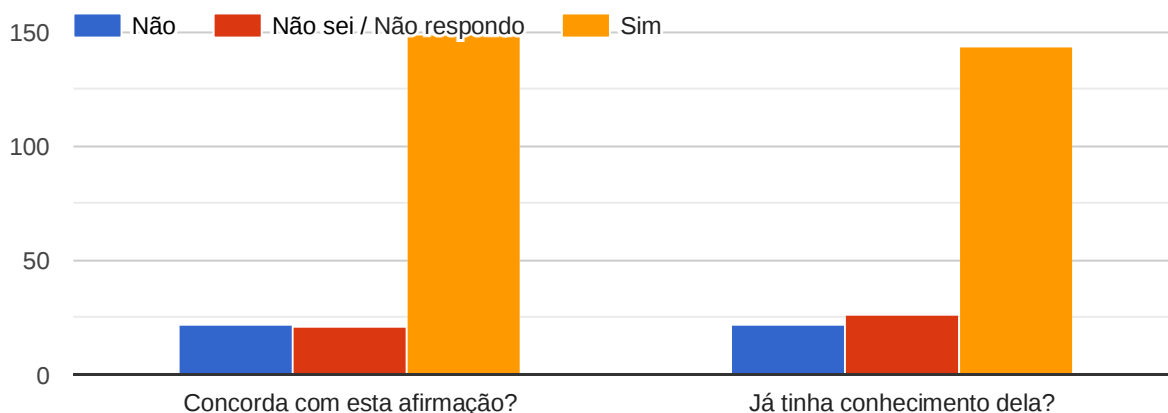


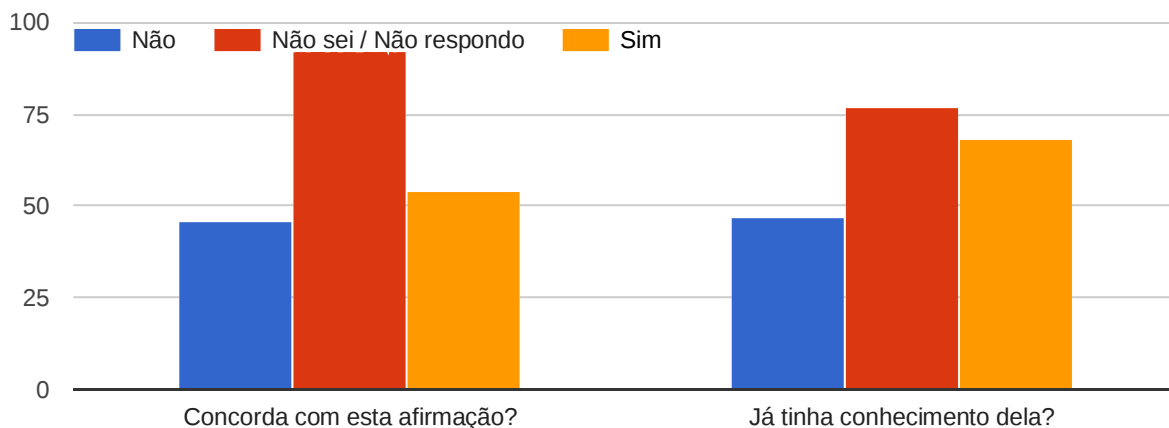
1.01 - Em alguns distritos com atividades de pastorícia onde impera o minifúndio (Viseu, Guarda, Vila Real, Bragança, Viana do Castelo e Braga) existe um aumento do número de ignições fora do período crítico de incêndios em momentos de condições meteorológicas favoráveis (como o anúncio de chuva após um período de seca). É perceptível que estas ignições são provocadas pela população para gestão do espaço (pastoreio, condições para que os animais acedam a água, etc.).



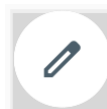
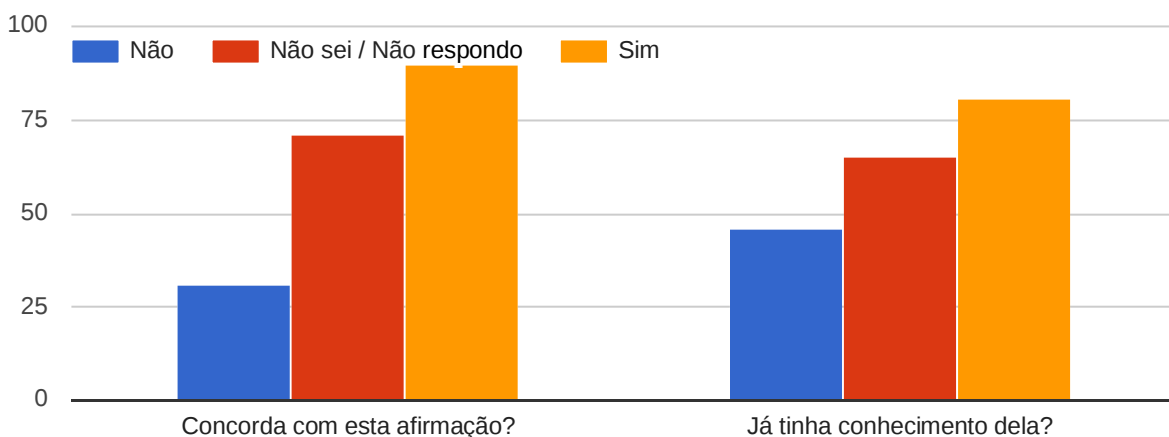
1.02 - Se os incêndios provocados pela população para gestão de território em que o potencial de destruição é reduzido (o fogo não vai sair daquele local) não forem encarados como incêndios de gestão, em que se reduz o número de meios e se usa uma logica de fogo controlado, as equipas vão voltar várias vezes ao mesmo local.



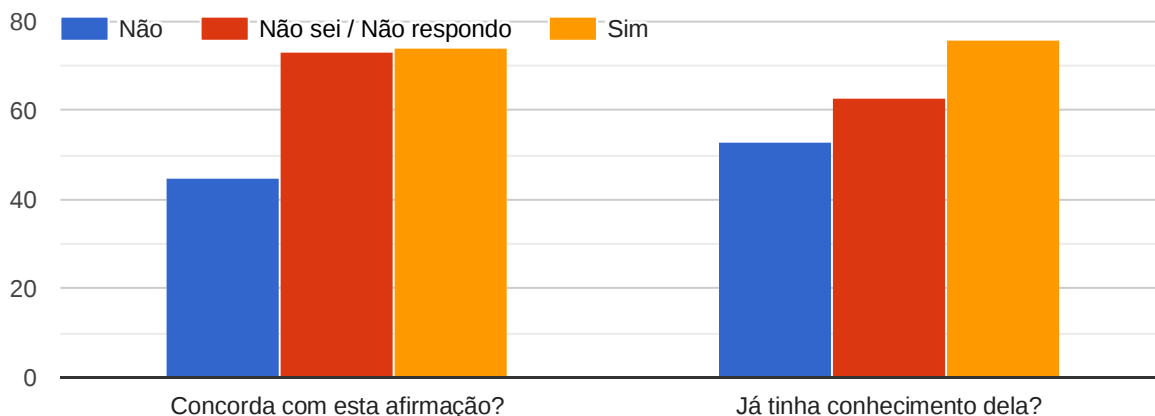
1.03 - Em zonas do país junto à fronteira (como Castelo Branco e Portalegre), quando existem ventos vindos de leste, há um aumento do número de ocorrências de incêndio rural, principalmente durante o verão. Estas ocorrências poderão, tal como na situação de chuvas anunciadas, estar associadas à gestão do território para animais.



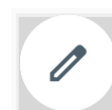
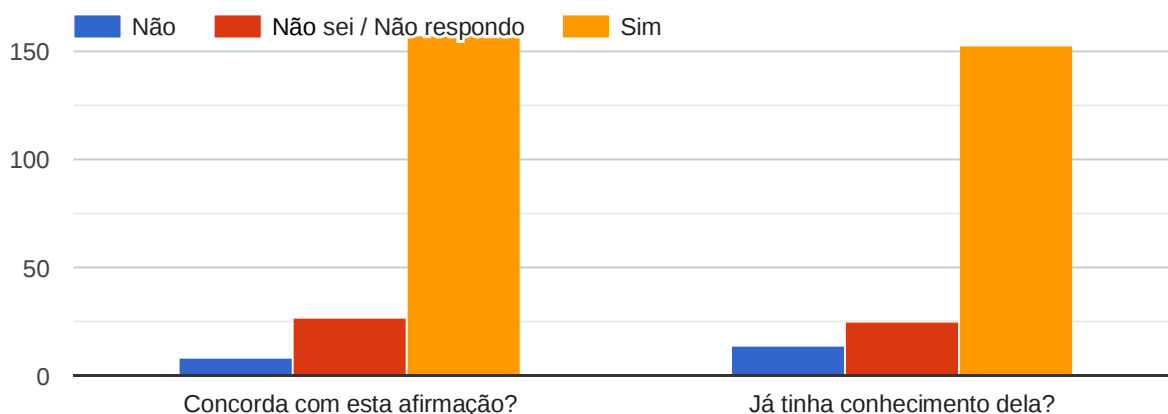
1.04 - No final da campanha (setembro/outubro), na zona do Parque Nacional da Peneda Gerês, após se fazer o rescaldo de um incêndio, acontece uma nova ignição perto do perímetro do incêndio original. Acredita-se que estas ignições sejam provocadas pela população, para preparação dos terrenos para a pastorícia e agricultura. Para evitar o desgaste em deslocamentos sucessivos, opta-se por se manter as equipas no local após um incêndio.



1.05 - Na zona Norte do país, mesmo com valores de FWI baixos, é comum pré-posicionar equipas por se preverem fogos associados à pastorícia e queimadas.



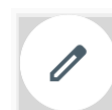
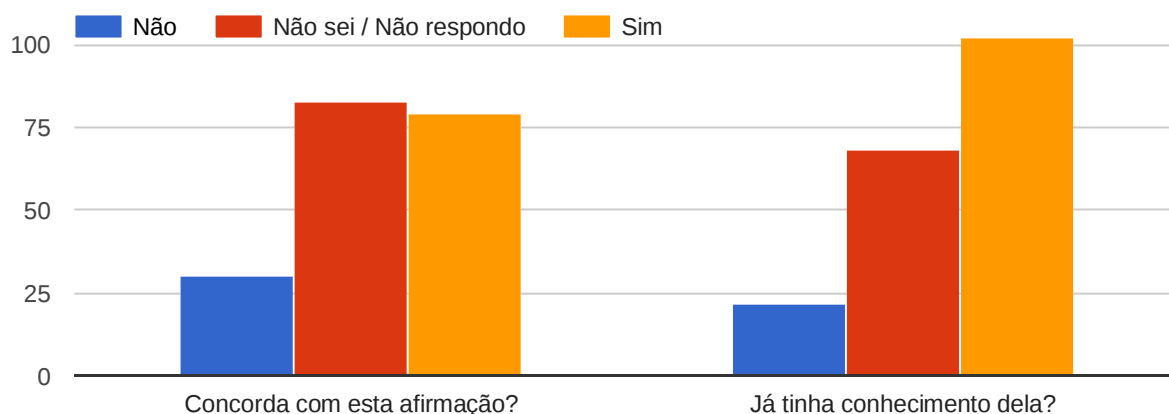
1.06 - O número e frequência de ocorrências num determinado local podem funcionar como um indicador de incendiário (como um alarme, um aviso de que algo se está a passar). Estas situações são identificadas e avaliadas por entidades como a GNR e a Polícia Judiciária, e são colocadas equipas mais próximas do local para responder a este fenómeno.



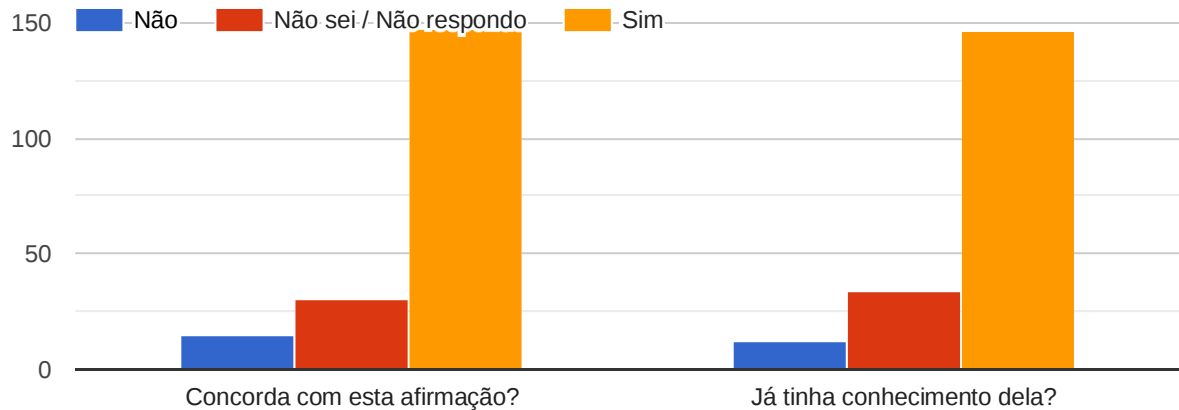
1.07 - A natureza do incendiário faz com que seja um desestabilizador do combate aos incêndios, por aumentar o número de ocorrências nas alturas do ano mais críticas, e em locais estratégicos. O incendiário vai sempre provocar um incêndio na altura e local mais convenientes para o fim que pretende.



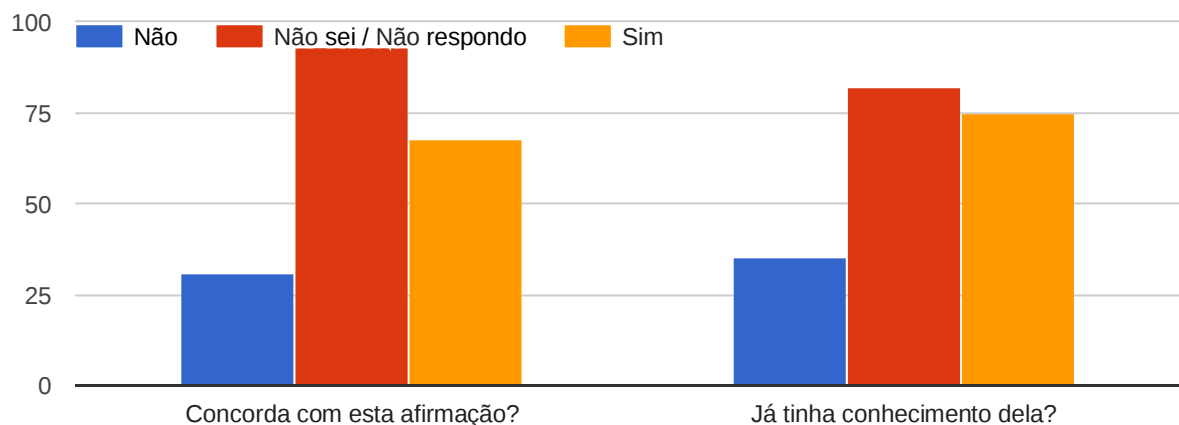
1.08 - Em anos de eleições autárquicas, o fogo é utilizado para fins como a tentativa de gerar instabilidade política, a antecipação de receita, e a realocação de territórios. Isto gera um aumento do número de ocorrências com um grande impacto visto que as eleições se realizam normalmente no final do verão. Este fenómeno é mais associado à região Norte do que à região Centro ou Sul.



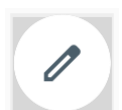
1.09 - A atenção dada pela comunicação social aos grandes incêndios faz com que o número de incêndios aumente, por exemplo, por comportamentos de crianças ou doentes do foro mental despoletados pelo que veem na televisão.



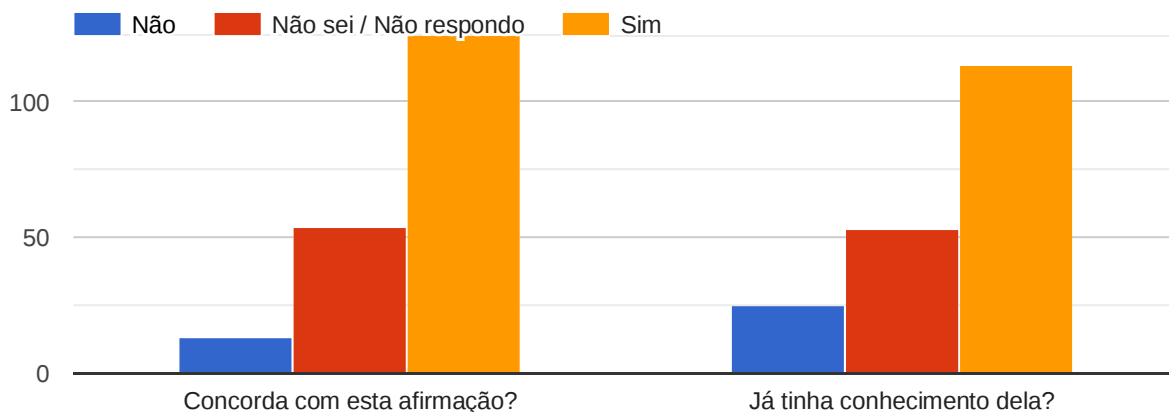
1.10 - Em distritos como Vila Real, Viana do Castelo e Braga, existe um aumento do número de ignições no mês de agosto associado ao regresso de emigrantes às terras de origem.



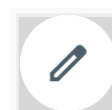
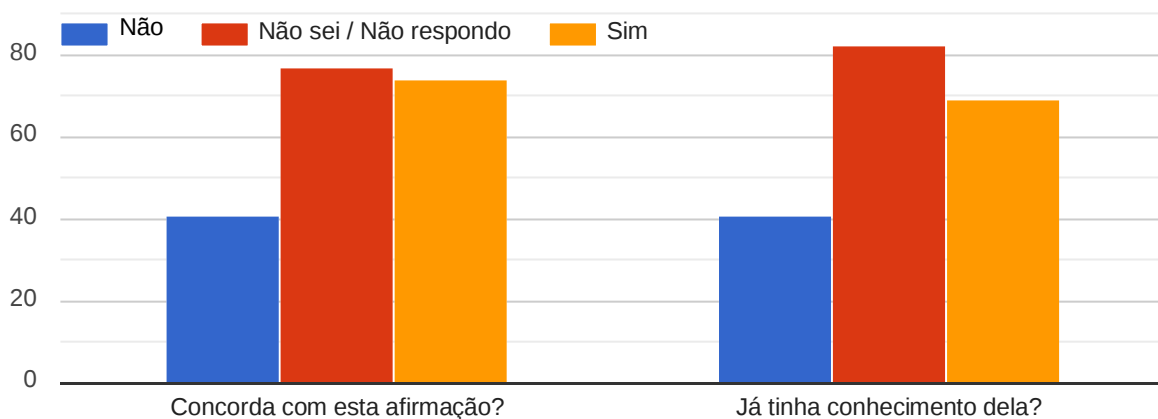
Estratégia



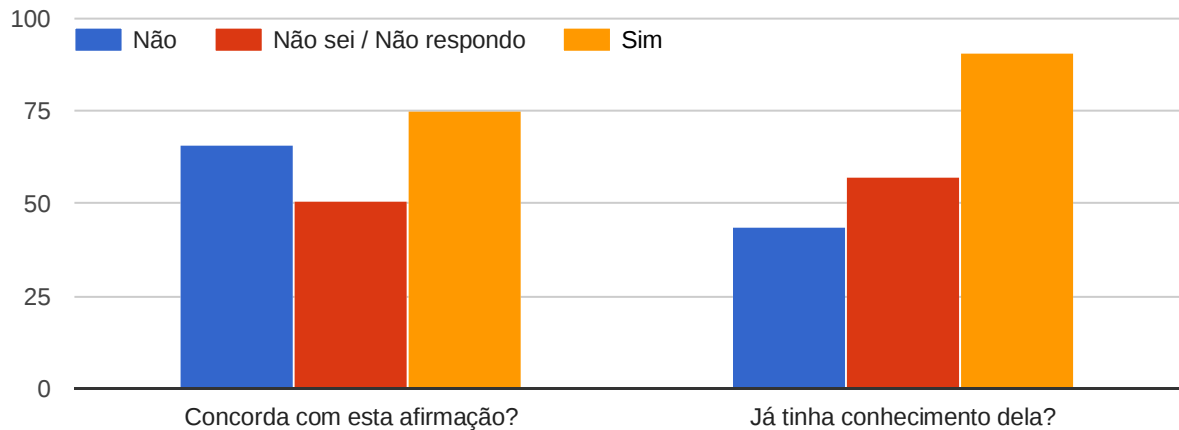
2.01 - Em 2019 e 2020, nos distritos de Viseu e Castelo Branco, e em certos casos em que se soube que um incêndio iria à partida atingir grandes proporções, foram utilizados meios aéreos de ataque ampliado logo no início do combate.



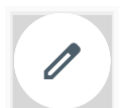
2.02 - Quando se percebe que um incêndio terá sido provocado por um comboio são logo enviados para o local meios aéreos diferenciados, médios ou pesados, normalmente empenhados em ATA. Normalmente, este fenómeno resulta da libertação de partículas incandescentes dos travões que criam pequenos incêndios ao longo da linha que acabam por se juntar e criar um de grandes dimensões.



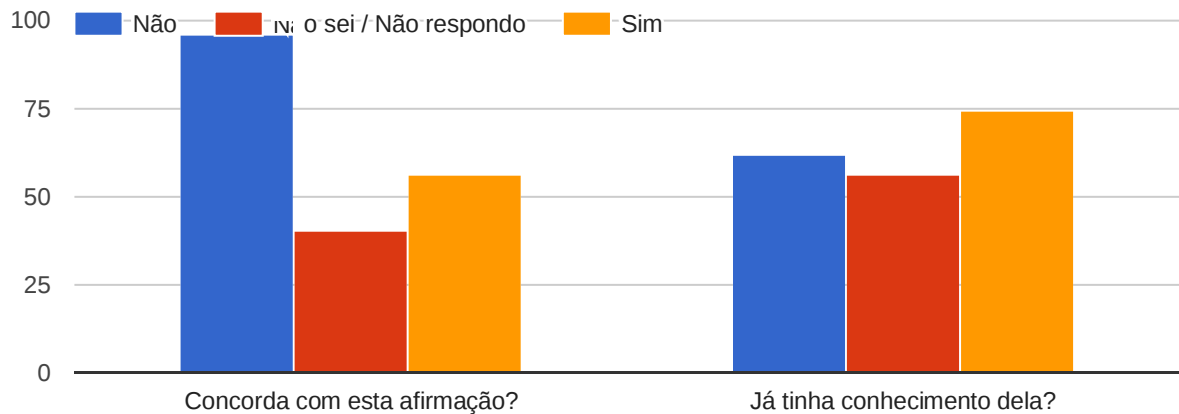
2.03 - O Kamov é um helicóptero lento, pesado, e com êxito de descarga reduzido. É preferível utilizar aeronaves Fireboss, visto que podem fazer scooping em quase todo o país, e quando não podem (zona oeste) pode optar-se por carga em terra.



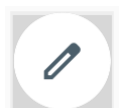
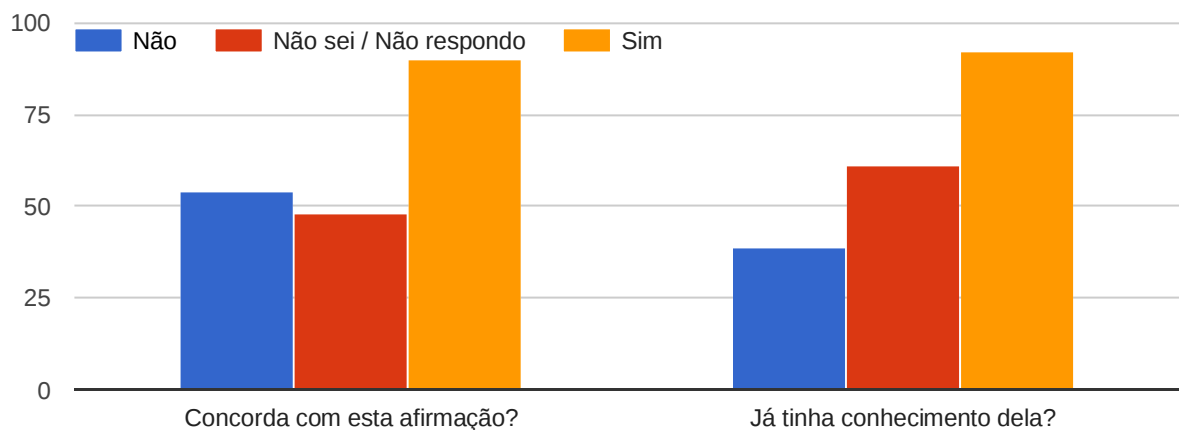
2.04 - Existe uma percepção errada de que os meios aéreos apagam incêndios. Na verdade, os meios aéreos devem ser vistos um complemento à atividade, como uma forma de reduzir a intensidade na frente dos incêndios para que os meios terrestres possam trabalhar com maior segurança e eficácia.



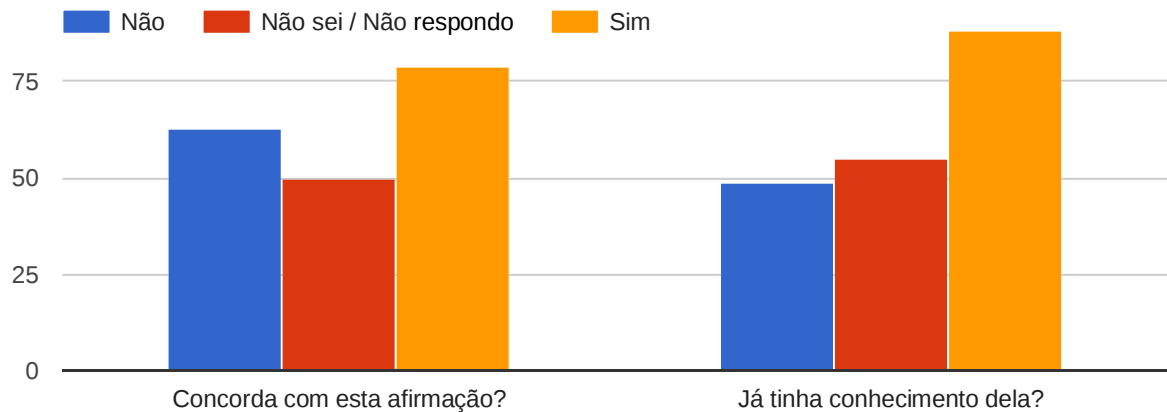
2.05 - Muitas vezes os meios aéreos, mesmo que do ponto de vista operacional não sejam úteis, são enviados para o local por serem eficazes como forma de apaziguamento da população, passando a ideia de que foi feito tudo o possível.



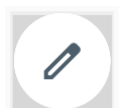
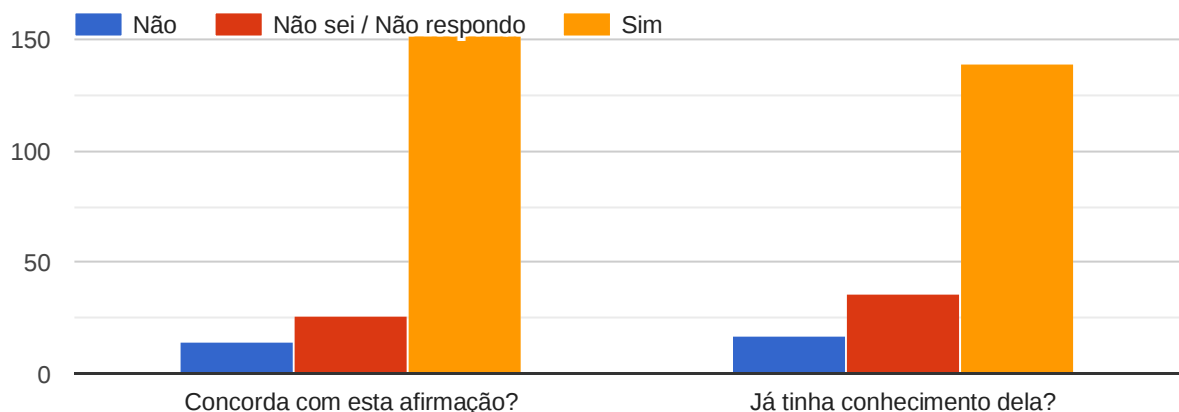
2.06 - Por norma, no verão, os incêndios começam a sul, onde existem mais cedo condições para que ocorram. No início da época faz-se um pré-posicionamento de meios para responder a este fenómeno.



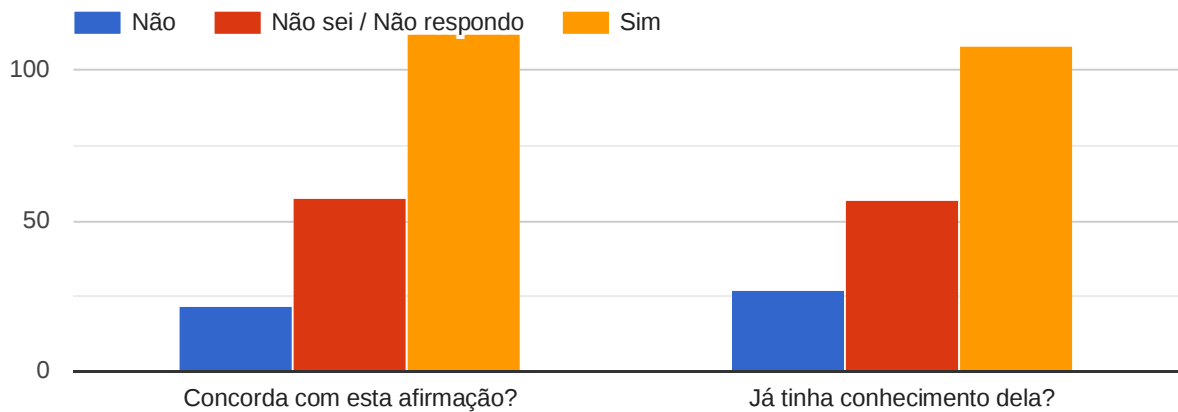
2.07 - Mesmo que estejam parados, meios que tenham sido pré-posicionados num local por risco elevado de incêndio não são enviados em auxílio para outro distrito porque podem não ser suficientes caso ocorra um incêndio no local para onde foram destacados.



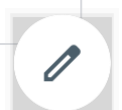
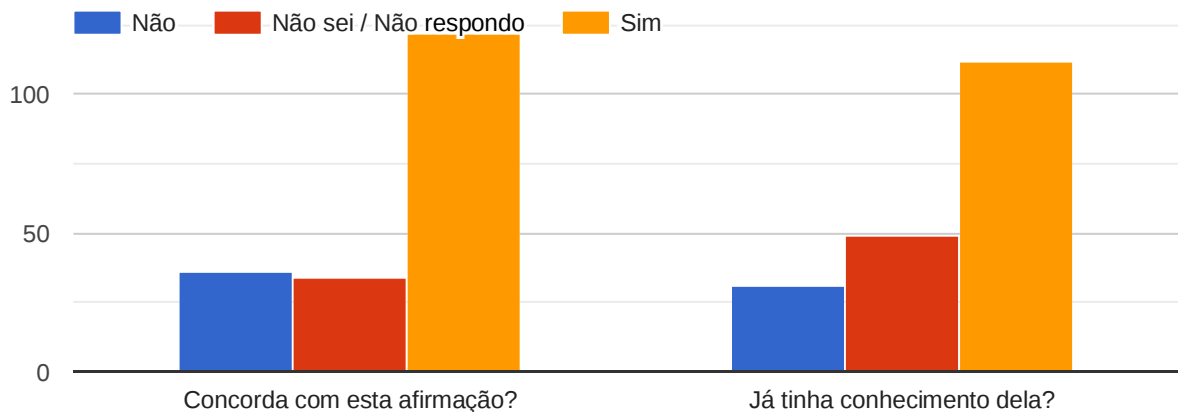
2.08 - Há zonas do país em que o corpo de bombeiros mais próximo demora 1 ou 2 horas a chegar a determinados locais. Nestes casos é necessário que exista um pré-posicionamento de equipas para cumprir a meta de o combate ser iniciado até 20 minutos após a confirmação do local.



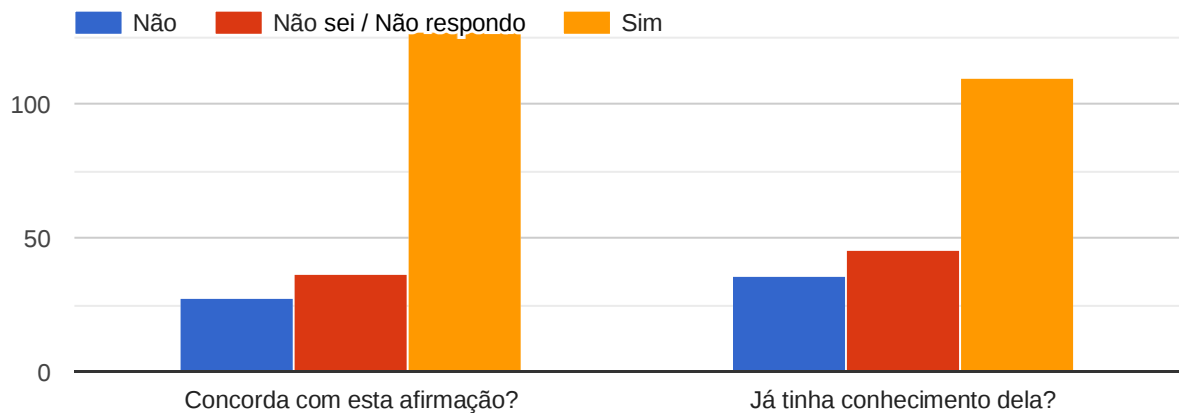
2.09 - Em períodos mais críticos, quando o risco de incêndio sobe e existe disponibilidade de meios para tal, é feito um pré-posicionamento de meios. É frequente este pré-posicionamento ser feito em zonas do país em que o combate a incêndios é mais difícil (devido à existência de menos corpos de bombeiros, maiores distâncias a percorrer, meteorologia, etc.). Isto verifica-se em distritos da linha do interior exceto Portalegre, Évora e Beja, como Bragança, Viseu e Castelo Branco.



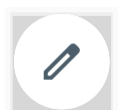
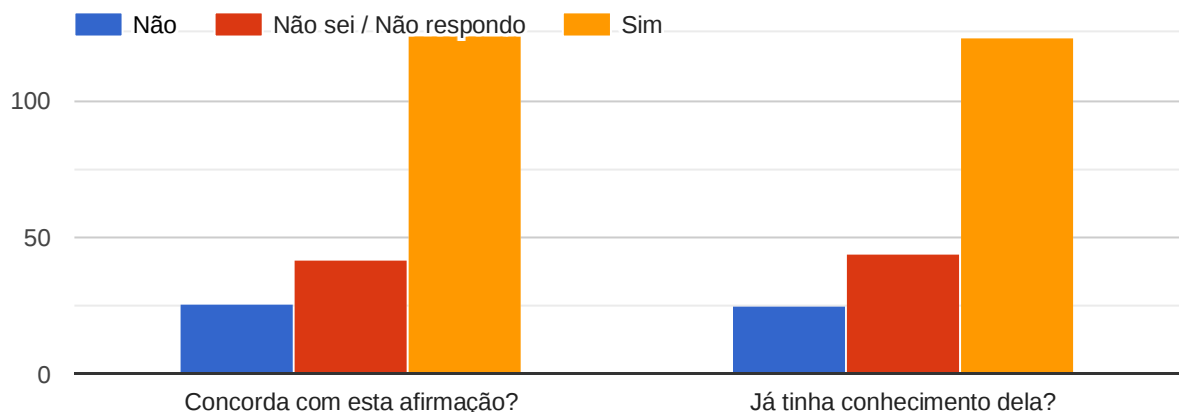
2.10 - Há certos locais em que é frequente que existam projeções que transponham o incêndio, por exemplo, para o outro lado de uma estrada, ou para a outra margem de um rio. Nestes locais, é feito um pré-posicionamento de meios onde, mesmo ainda não havendo chamas, é espectável que possa começar um foco secundário devido a estas projeções.



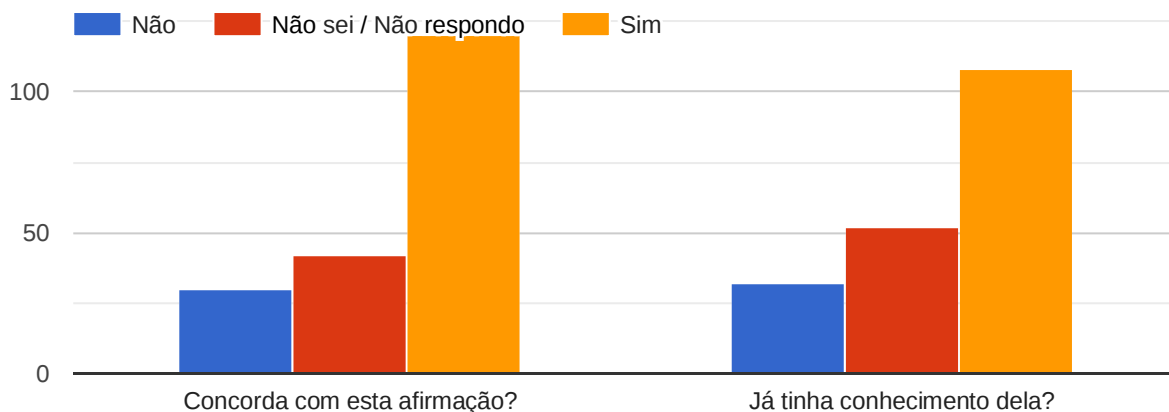
2.11 - Em alturas em que acaba por se ter os operacionais quase todos em prevenção durante muito tempo (por exemplo devido a condições meteorológicas adversas prolongadas), é comum tentar folgar as equipas em ocasiões que o risco diminui ligeiramente para que não estejam constantemente sob pressão.



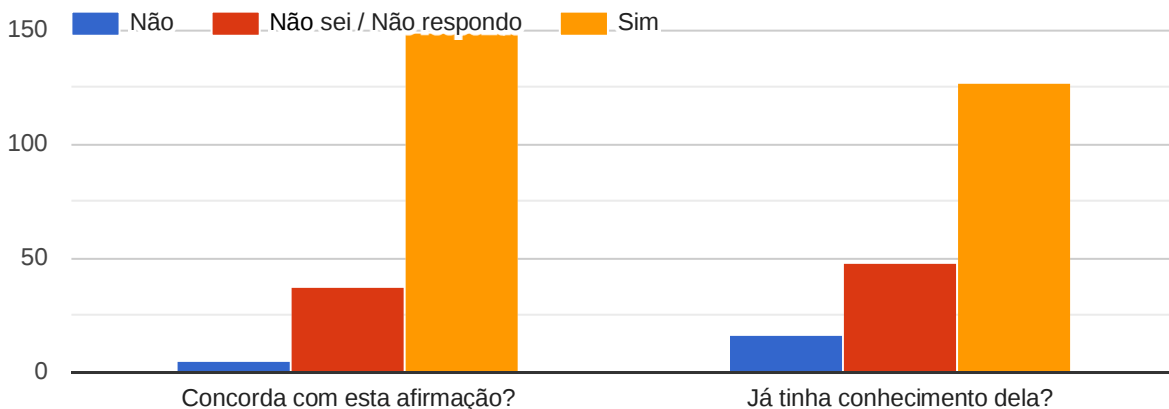
2.12 - Quando há vários incêndios, o despacho de meios para cada um pode não ser feito da forma habitual, mas sim desviando meios de um incêndio para outro com base em fatores que potenciem o risco como questões ambientais ou económicas.



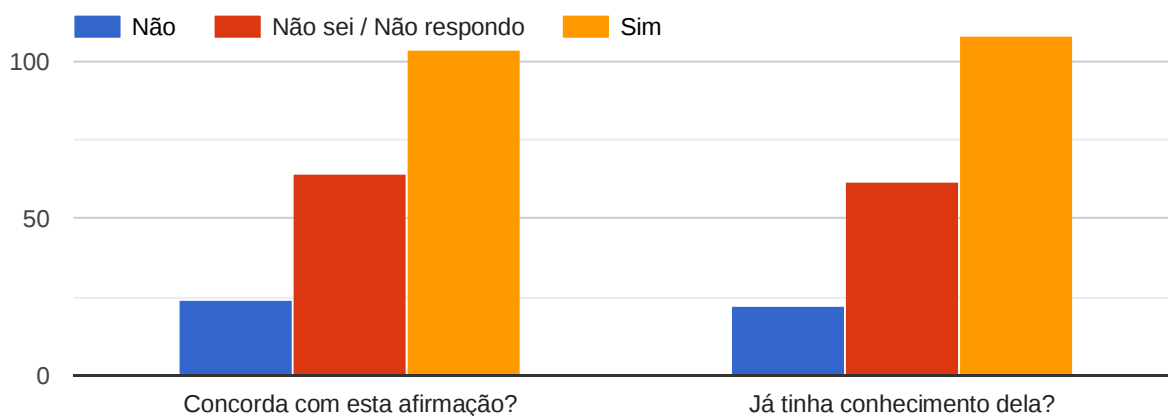
2.13 - Quando se está a combater um incêndio grande e surge um novo incêndio com potencial para vir também a ser de grandes dimensões, faz-se uma redistribuição de meios de combate para o segundo incêndio evitando que atinja proporções elevadas, mesmo a custo de uma evolução mais rápida do incêndio inicial, evitando assim que existam 2 incêndios de grandes dimensões em simultâneo.



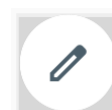
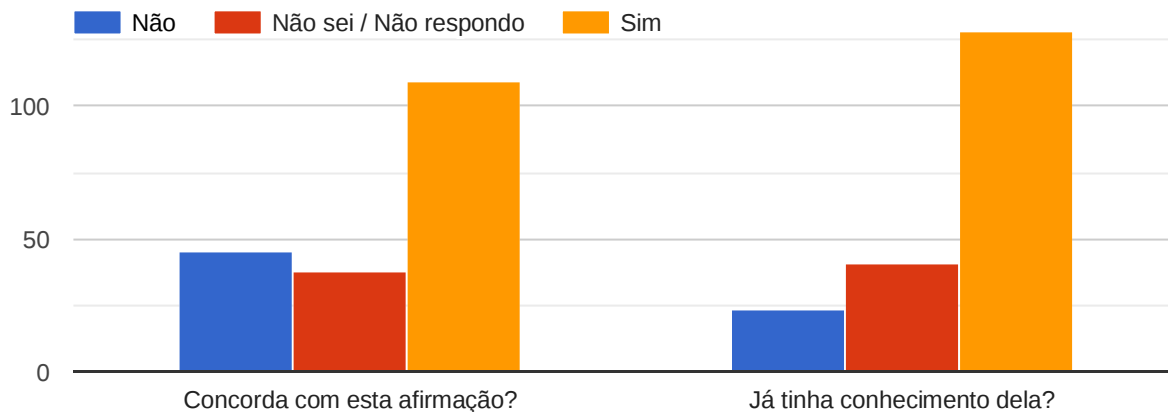
2.14 - As decisões tomadas num teatro de operações, ao serem comunicadas, estão sujeitas a alguma erosão. Uma grande percentagem das vezes, há indicações de localização e/ou procedimentos que são mal-entendidos e se não houver uma experiência passada, dá-se por adquirido que tudo o que foi dito foi perfeitamente compreendido, e isso não é verdade. É então necessário que seja feito um controlo em que se verifique se o que foi dito está realmente a ser implementado.



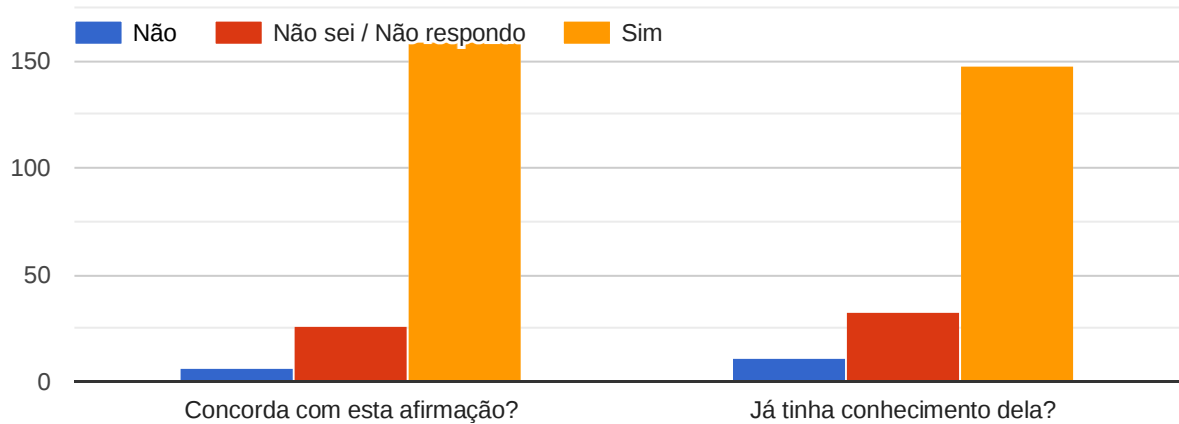
2.15 - Nos locais onde se sabe à partida que haverá inversão térmica, a experiência diz quando irá ocorrer, com que violência, e quais as medidas a tomar.



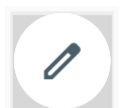
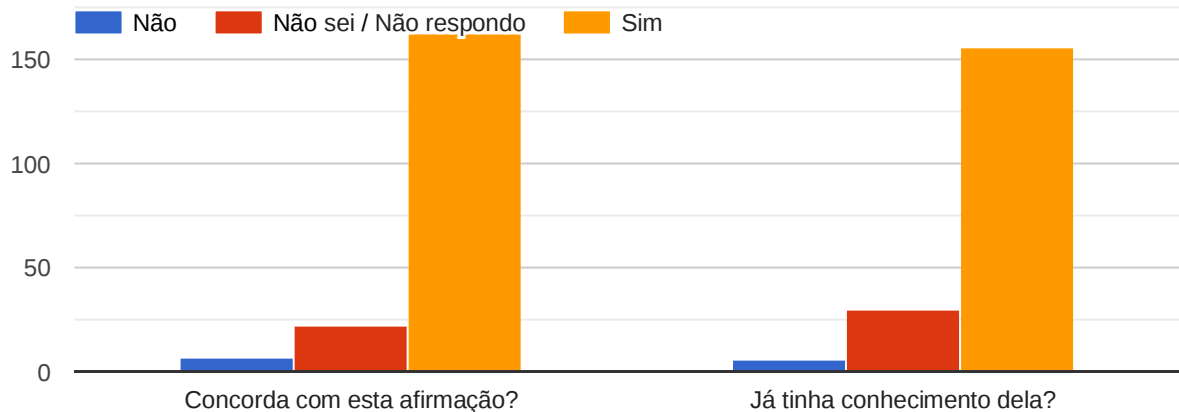
2.16 - Existe a noção de que durante operações de combate a incêndios, existem interesses diferentes por parte das forças de combate, das populações, e dos autarcas. Todos estes interesses são válidos e devem ser considerados.



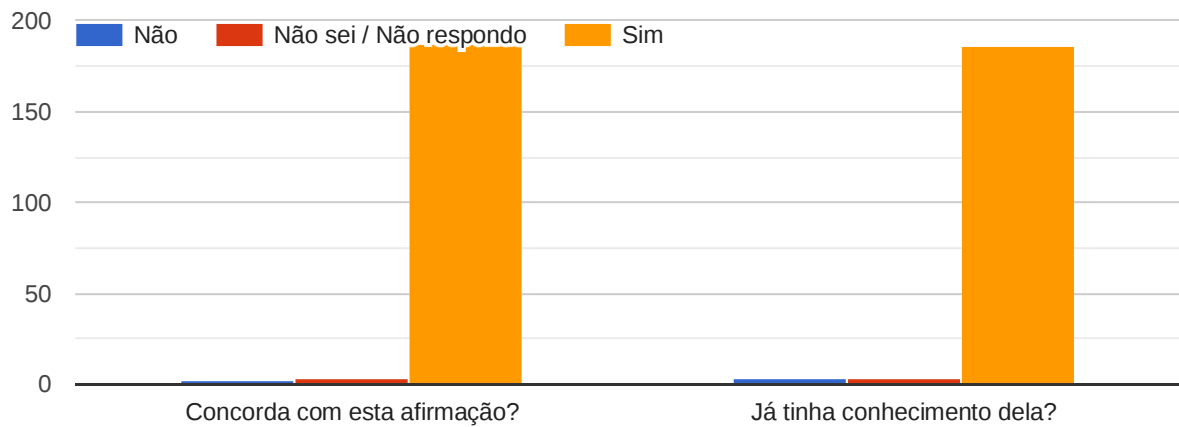
2.17 - Existem várias formas de se escolher pontos de importância prioritária durante um incêndio, como a existência de locais importantes do ponto de vista social ou do ponto de vista estratégico operacional.



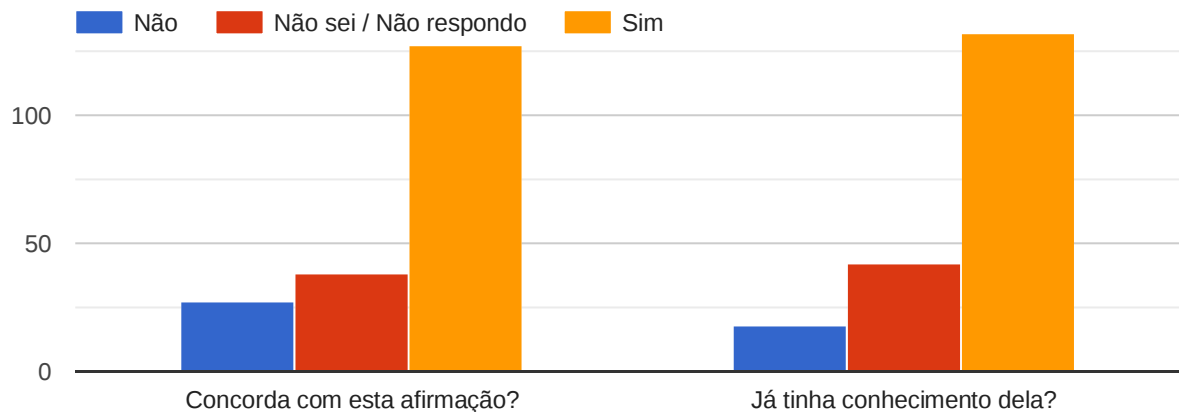
2.18 - Atendendo às características do terreno (como a existência de rios ou caminhos de ferro), incêndios em certos locais exigem um balanceamento de meios para o combate, eventualmente provenientes de municípios ou distritos diferentes.



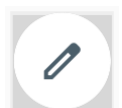
2.19 - A noite é a janela de tempo mais propícia a extinguir um incêndio porque em princípio existirão alguns fatores que funcionam nesse sentido, como a diminuição da temperatura.



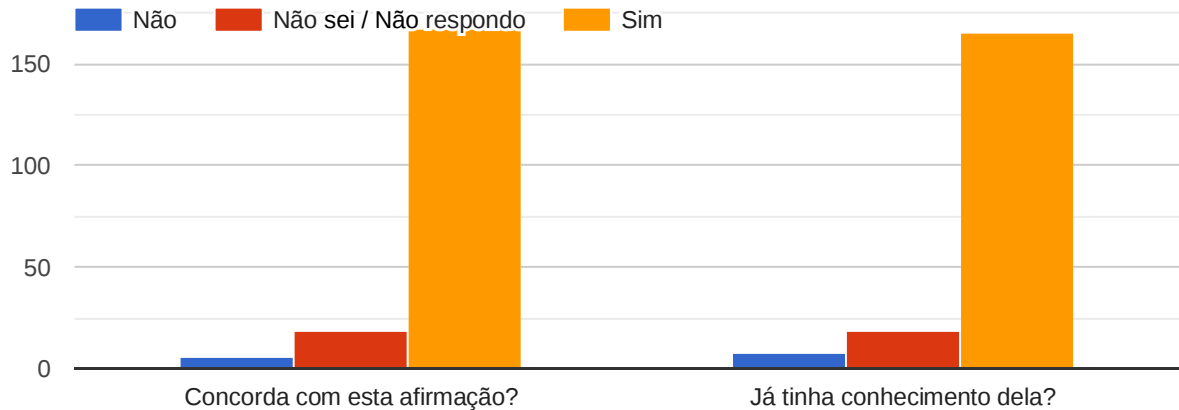
2.20 - Em ocasiões em que o número de ocorrências é elevado, existe uma dispersão não só de meios, mas também da atenção dos responsáveis, que estando a trabalhar num incêndio acabam por estar a pensar também nos outros.



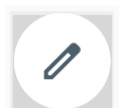
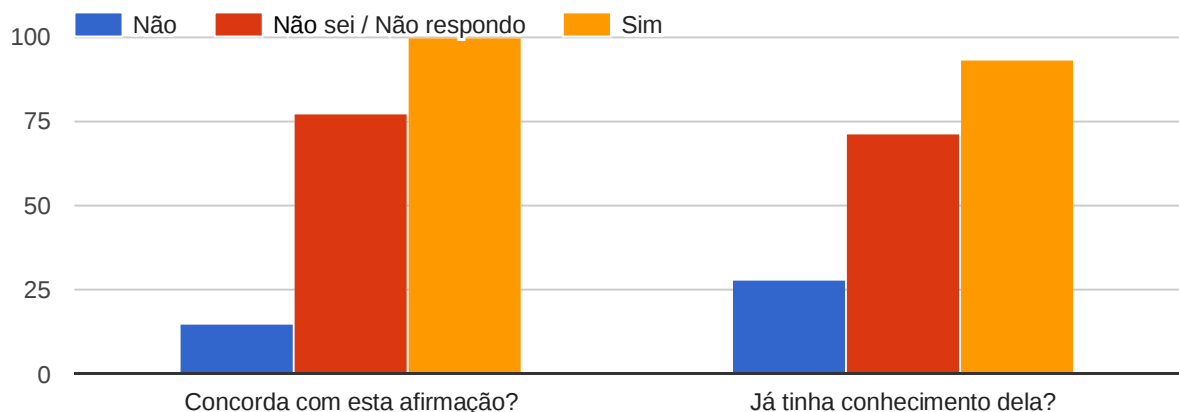
Características dos incêndios



3.01 - Padrões meteorológicos diferentes resultam em incêndios convectivos, de vento, e topográficos. Cada um destes tipos é mais comum numas regiões do que noutras e o combate a cada um é feito de forma diferente.



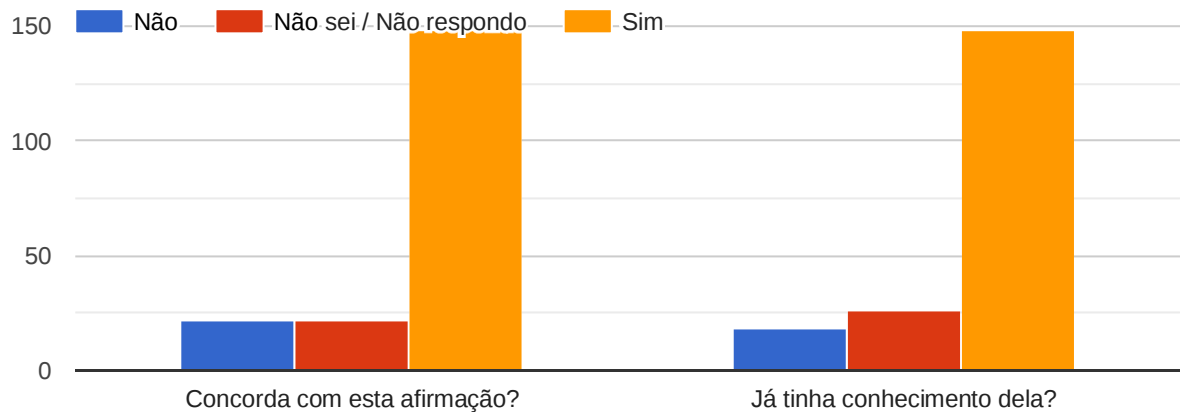
3.02 - Na zona do Pinhal Interior, sabe-se que quando existem certas condições meteorológicas, isso leva a que as ignições resultem em incêndios com a mesma tipologia, chamados de “incêndios de charuto”, caracterizados por serem muito estreitos, mas logo nas primeiras horas poderem atingir 20-40 Km de comprimento.



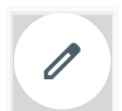
3.03 - Durante um incêndio, os combustíveis à volta do perímetro secam e ficam mais disponíveis a arder, pelo que um reacendimento neste perímetro progride mais rápido e resulta num incêndio maior.



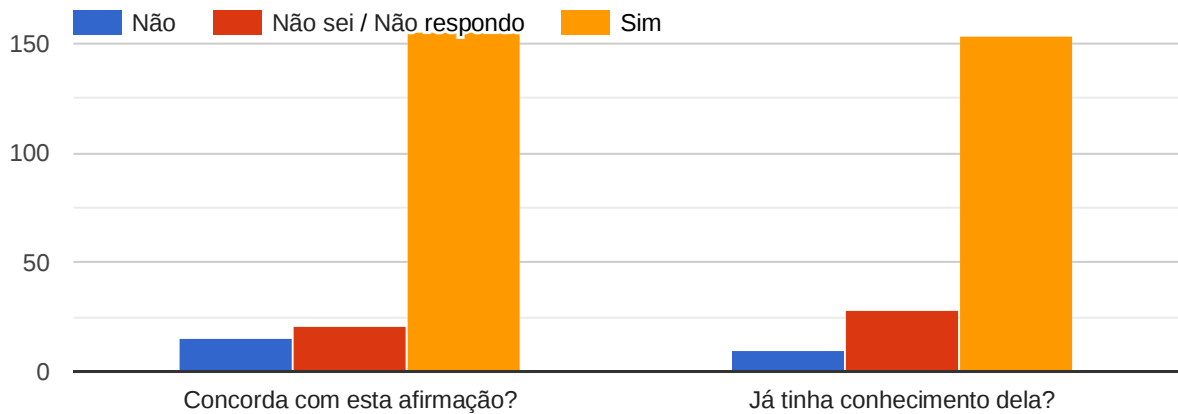
3.04 - Os incêndios nos mesmos locais têm sempre históricos de progressão muito parecidos devido às características de terreno. Os incêndios progridem como a água, pelo caminho de menor resistência.



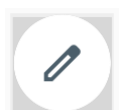
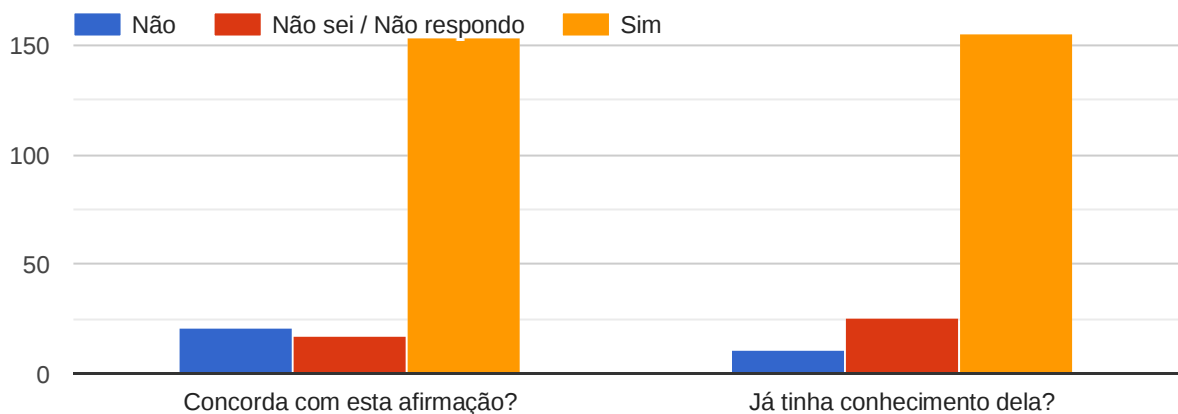
Proteção civil



4.01 - Como a velocidade de propagação de um incêndio é variável (devido a projeções, por exemplo) e é possível que se propague mais rapidamente do que seria esperado, em alguns casos são retiradas das zonas que o incêndio pode atingir as pessoas de mobilidade reduzida, logo numa fase inicial.



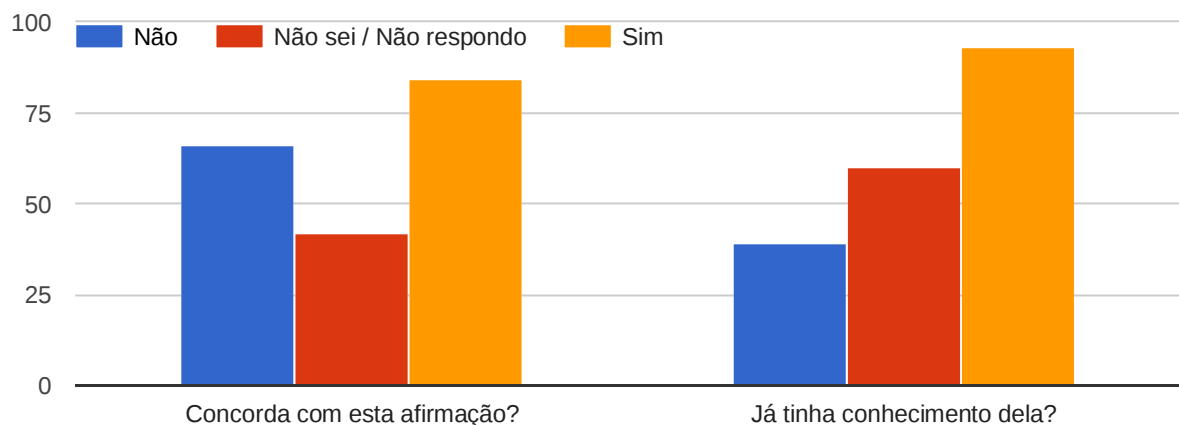
4.02 - Evacuar uma população implica despende de meios e tempo, para além de que pode provocar a destabilização emocional das pessoas, ou mesmo que sejam colocadas em perigo. Considera-se sempre se é mais seguro evacuar ou confinar num espaço limitado que possa ser defendido.



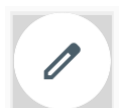
4.03 - Situações de incêndio geram grande instabilidade social e alarmismo e é preciso saber lidar com estas situações dando tempo, espaço, e evitando colidir com as pessoas sem incentivar comportamentos irracionais.



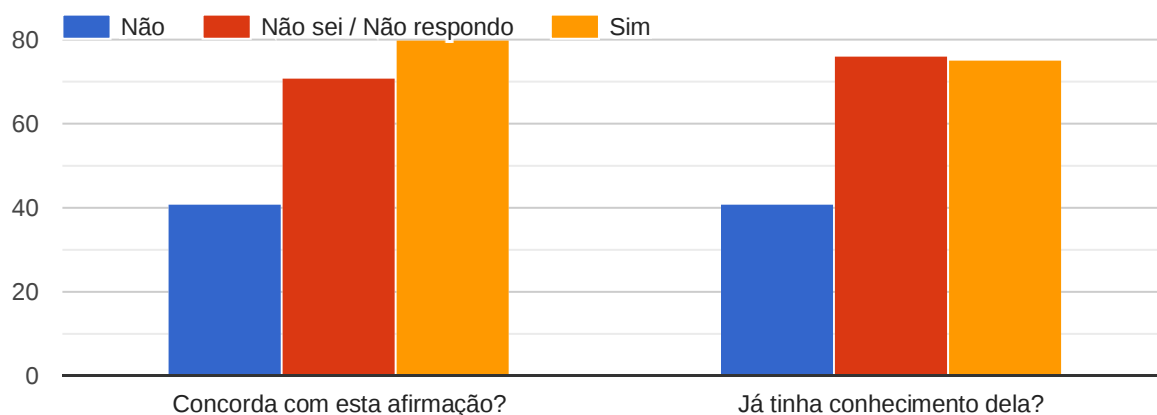
4.04 - Existe a noção de que os anos de contacto com o perigo geram uma certa insensibilidade. Normalmente não são colocados obstáculos quando a GNR começa uma evacuação por iniciativa própria em situações que não eram vistas como urgentes devido a esta insensibilidade.



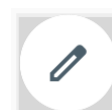
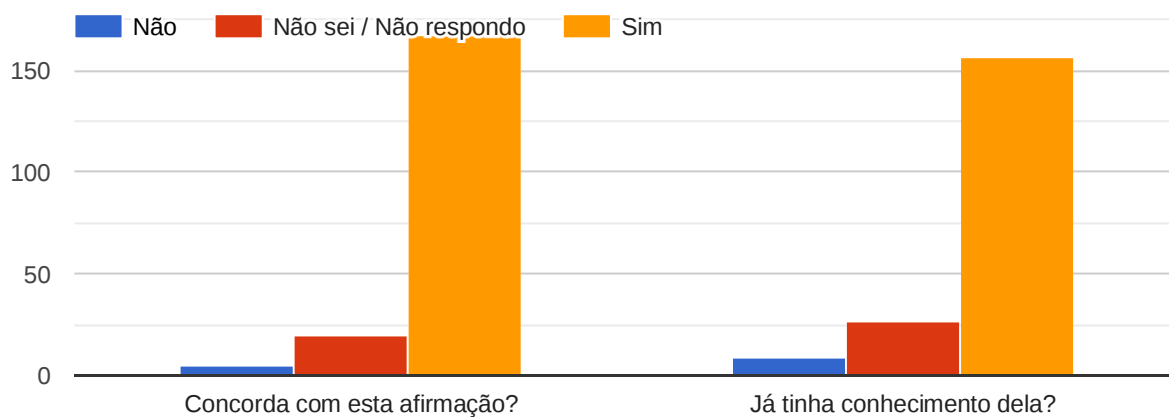
Outros



5.01 - O final do mês de julho (últimos 6/7 dias) e todo o mês de agosto são os momentos mais propícios à ocorrência de incêndios florestais de grande complexidade na zona do Pinhal Interior Sul.



5.02 - O cheiro a resinas no ar, o estalar das agulhas dos pinheiros por baixo dos pés ao caminhar, e a mudança de cor dos fetos e herbáceas podem funcionar como indicadores da disponibilidade dos combustíveis.



5.03 - O final da campanha é mais difícil que o início. Para além de os combustíveis estarem mais disponíveis no final do verão, a persistência de condições meteorológicas severas e o elevado número de ocorrências levam ao desgaste progressivo do dispositivo. Adicionalmente, existe ainda o fator de chuva anunciada no período de transição verão – outono.

